

# METODOLOGIAS DE ENSINO DAS REVOLTAS REGENCIAIS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O ENSINO SUPERIOR E A EDUCAÇÃO BÁSICA NO CONTEXTO DO SÉCULO XXI

Diego Silva Pinto <sup>1</sup>  
Maria Luísa Gomes da Silva Melo <sup>2</sup>  
Raiane Mata Santos <sup>3</sup>  
Liliane Maria Cordeiro Fernandes Gomes<sup>4</sup>

## RESUMO

Este trabalho busca analisar as divergências e convergências entre o ensino de História em ambientes acadêmicos e de educação básica. Por meio de uma abordagem qualitativa, fundada em estudo bibliográfico e experimental, o objetivo principal é expor e comparar as metodologias empregadas em cada contexto. No ensino básico, erroneamente associado à simplificação da história para construir consciência temporal, o papel do historiador é muitas vezes subestimado. Em contraste, no ensino superior, há um avanço significativo na pesquisa e análise crítica, exercendo influência sobre a compreensão pública. A realidade, porém, é que ambos os níveis de ensino têm a missão comum de formar cidadãos críticos. O ensino de História visa conectar eventos passados aos desafios contemporâneos, impactando não apenas o conhecimento, mas também a identidade e a compreensão social. É imperativo reconhecer que, apesar das diferenças, os ensinamentos acadêmico e básico compartilham uma trajetória comum. Ambos devem se nutrir das mesmas fontes, ajustando suas metodologias de acordo com o público e o contexto específico. Essa compreensão contribui para uma abordagem mais integrada e eficaz no ensino de História em diferentes níveis educacionais. Para ilustrar as temáticas discutidas ao longo deste trabalho, analisaremos a abordagem das Revoltas Regenciais nos âmbitos do Ensino Básico e do Ensino Superior.

**Palavras-chave:** Ensino De História, Educação Básica, Metodologias, Revoltas Regenciais.

## INTRODUÇÃO

O ensino de História é um campo complexo e multifacetado que desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e reflexivos. No entanto, a abordagem metodológica utilizada no ensino de História pode variar significativamente entre o ensino superior e o básico. Este artigo busca analisar as divergências e

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia - UNEB, [diegobeyond@hotmail.com](mailto:diegobeyond@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia - UNEB, [mluisagsmelo@hotmail.com](mailto:mluisagsmelo@hotmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Bahia - UNEB, [raynnematta8@gmail.com](mailto:raynnematta8@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Mestre, Universidade do Estado da Bahia - UNEB, [liufernandesc@yahoo.com.br](mailto:liufernandesc@yahoo.com.br).

convergências entre as metodologias de ensino de História em ambientes acadêmicos e de educação básica, com foco nas Revoltas Regenciais como exemplo de estudo.

A formação de professores de História está inserida no contexto mais amplo da formação docente, abordando questões relacionadas ao processo de profissionalização e, mais recentemente, aos debates sobre a regulamentação da profissão de historiador. Essa formação demanda um diálogo contínuo entre História e Educação, configurando-se como um espaço fronteiro resultante da complexidade inerente a esse desafio. Embora haja avanços nas pesquisas sobre formação docente em âmbito nacional, nota-se a ausência de um corpo sistematizado de conhecimento científico sobre a formação e profissionalização do professor de História.

A formação dos professores de História se insere no quadro mais amplo da formação de professores e integra a problemática desse campo as questões referentes ao processo de profissionalização do corpo docente e, mais recentemente nos embates em torno da regulamentação da profissão de historiador. Envolve o diálogo com a História e a Educação. Configura-se um lugar de fronteira, decorrente da complexidade que envolve o problema. [...] Apesar do avanço nas pesquisas sobre formação docente e sua historicidade em nível nacional, registra-se a ausência de um corpo sistematizado de conhecimento científico sobre a formação e a profissionalização do professor de História [...] Esse quadro se confronta com a existência de diversos cursos de licenciatura em História existentes nesse estado [Bahia] e desenvolvidos em diferentes modalidades (presencial e a distância; plenos, complementares, modulares), em instituições públicas e privadas, cursos regularmente oferecidos pelas instituições e outros realizados através de convênios. (COUTINHO, 2011).

Torna-se relevante iniciar a discussão com a reflexão de Coutinho sobre a "distância" entre o status de historiador e o profissional que atua no ensino básico. A disseminada noção de que as atividades desenvolvidas nos ambientes acadêmicos e escolares seguem caminhos paralelos tem limitado, inclusive entre os profissionais, a expansão das práticas pedagógicas. Isso ocorre devido à vinculação frequente dos objetivos dessas ações aos estereótipos existentes sobre o ensino de História.

A seleção desta temática, centrada na metodologia no ensino de História na Educação Básica, é motivada pela sua intrincada complexidade ao ser abordada tanto na Educação Básica quanto no ensino superior. No âmbito da Educação Básica, busca-se transcender o recurso a metodologias tradicionais e antiquadas, optando por abordagens mais diversificadas que estejam em sintonia com os contextos contemporâneos da sociedade. No ensino superior, notadamente nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e

História, a pertinência desta escolha é evidente, pois, ao concluir o curso, os acadêmicos estarão capacitados para o ensino nos anos iniciais do Ensino Fundamental (para graduados em Pedagogia) ou nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio (para graduados em História), estando aptos a ministrar a disciplina de História de maneira eficaz e contextualizada.

## **METODOLOGIA**

Para discutir a presença e o desenvolvimento de qualquer conteúdo na educação básica é necessário apresentar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades que todos os alunos brasileiros têm o direito de desenvolver ao longo de sua trajetória na Educação Básica. Ela foi instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 2014 e representa um esforço significativo para promover a equidade e a qualidade na educação em todo o país.

O documento está estruturado em etapas da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Cada uma dessas etapas tem suas especificidades, e a BNCC procura guiar os educadores na definição de objetivos de aprendizagem e na seleção de conteúdo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza que

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história (BRASIL, 2018, p. 399).

O tema abordado em nossa discussão contempla a habilidade [EF08HI16](#), que consiste em: Identificar, comparar e analisar a diversidade política, social e regional nas

rebeliões e nos movimentos contestatórios ao poder centralizado. O mesmo costuma ser desenvolvido nas séries de 8º ano.

As Revoltas Regenciais surgem como um capítulo crucial na história do Brasil, representando um período de intensa agitação social e política durante a Regência (1831-1840). Nesse intervalo, marcado pela ausência de um monarca adulto no trono, testemunhou-se uma série de conflitos que refletiam as profundas mudanças em curso na sociedade brasileira.

Através desse período de rebeliões, diversas camadas sociais manifestaram suas demandas e insatisfações por meio de movimentos contestatórios, revelando as complexas relações entre os diferentes estratos populacionais. Esses conflitos não se limitaram a questões políticas, abrangendo reivindicações ligadas a aspectos econômicos, sociais e regionais, configurando-se como um reflexo das tensões inerentes à construção da identidade nacional.

O ensino sobre esse período histórico desempenha um papel fundamental na compreensão da formação da identidade nacional brasileira. Ao explorar essas manifestações regionais, os estudantes são desafiados a analisar as diversas vozes que ecoaram naquele contexto, compreendendo as motivações subjacentes e as consequências desses eventos marcantes. Além disso, a abordagem desse tema permite uma reflexão aprofundada sobre a diversidade de ideias e interesses que moldaram o cenário político e social da época, contribuindo para a compreensão da riqueza cultural e histórica do Brasil.

De acordo com Souza e Fick (2009)

Se o ensino das Ciências Naturais permite aos estudantes, por exemplo, a compreensão do universo, do planeta e dos fenômenos que incidem sobre as coisas, as disciplinas relativas ao ensino das humanidades estimulam o jovem a se situar no mundo, a desvelar os sentidos íntimos da espécie humana nas relações que estabelecem entre si e com a natureza na produção. (SOUZA e FICK 2009, p. 5)

Sendo assim, o debate sobre as Revoltas Regenciais não se trata apenas de representar episódios isolados na história, mas sim o de alimentar a discussão sobre alguns elementos essenciais para desvendar os intrincados caminhos que conduziram à consolidação da identidade nacional brasileira. O estudo desses eventos oferece uma visão abrangente e enriquecedora sobre a complexidade do processo histórico, estimulando a reflexão crítica e promovendo a compreensão das raízes que fundamentam a sociedade contemporânea.

### **Contraste de metodologias: ensino superior e básico**

Apesar do evidente movimento de transformação nas abordagens de ensino dos cursos de licenciatura, ainda é comum encontrar docentes que perpetuam práticas positivistas em suas salas de aula. Isso ocorre por diversas razões, como a busca pela comodidade, o cansaço e outros fatores. Contudo, focalizaremos nossa análise na descrença no processo educacional, na capacidade dos alunos e na relevância do ensino de história.

Acusamos, não sem razão, o ensino tradicional, com seus cursos magistrais e suas lições aprendidas de cor, de abusar das informações. o verbalismo é uma consequência quase inevitável. o aluno memoriza as palavras ou as fórmulas sem procurar compreendê-las. [...] É como se os alunos acreditassem numa linguagem particular dos professores. (REBOUL, 1993, p. 25)

Compreender as diferenças metodológicas entre o ensino superior e o básico é crucial para otimizar a eficácia do sistema educacional. Ambos os níveis desempenham papéis complementares na formação dos alunos, preparando-os para os desafios acadêmicos e profissionais que enfrentarão. Portanto, é imperativo reconhecer e valorizar a diversidade de abordagens pedagógicas para promover um ambiente educacional enriquecedor e adaptável às necessidades dos estudantes em diferentes estágios de sua jornada educacional.

O papel da disciplina de História é educativo, formativo, emancipador e libertador, uma vez que transmite os registros históricos produzidos ao longo do tempo. Contudo, esse efeito somente se concretiza quando a relação entre professor, prática metodológica e aluno ocorre de maneira interligada. É fundamental destacar que a

trajetória de vida do professor inevitavelmente se reflete em seu trabalho docente, exercendo influência direta sobre o aluno. Portanto, professores bem formados tendem a adotar uma abordagem pedagógica qualitativa.

A aula de História é percebida como uma oportunidade de construir o conhecimento histórico através da reprodução da narrativa histórica. Nesse contexto, cabe ao professor ensinar o aluno a identificar problemas e transformá-los. A construção do saber histórico, portanto, se torna um ato político, no sentido de transformar a prática histórica. Assim, é essencial que o professor de História atue não apenas como executor de conhecimentos já produzidos, mas como um pesquisador e produtor de conhecimento.

É importante ressaltar que em uma sala de aula, os alunos são indivíduos reais, impactados pelas transformações socioeconômicas, políticas e culturais, sendo que cada escola possui sua própria realidade. Esses fatores influenciam o modo como os alunos se veem, compreendem e atuam na sociedade. Assim, é fundamental respeitar a individualidade de cada aluno, reconhecendo que as diferenças culturais enriquecem a sociedade.

O aluno, enquanto ser social, é marcado por transformações socioeconômicas, políticas e culturais, demandando que o professor estabeleça uma relação cognitiva e afetiva com o aluno visando uma transformação libertadora. Em resumo, ensinar História implica superar os desafios cotidianos e a burocratização do ensino, pois, através do conhecimento histórico, busca-se articular os fatos históricos com a realidade, demonstrando as metas e objetivos perseguidos na prática educacional.

Para instigar a conscientização e promover a habilidade de análise crítica dos fatos entre os alunos, é importante despertar o interesse pela disciplina de História. Um dos meios para alcançar esse objetivo é introduzir diversas linguagens na sala de aula, permitindo que os estudantes questionem os eventos e os compreendam em um contexto mais abrangente. Conforme destacado por Orço, Gandolfi e Tuzzi (2014), é fundamental libertar-se da dependência exclusiva do livro didático, expandindo as fontes de leitura dos alunos e estabelecendo diálogos entre diferentes fontes para uma compreensão mais holística. Essa abordagem visa enriquecer a experiência educacional, estimulando a reflexão crítica e a conexão significativa com os eventos históricos.

É fundamental adotar perspectivas enriquecedoras e complexas ao examinar as regências, considerando-as como momentos cruciais e singulares nos processos de construção do Estado imperial e da nação brasileira. Existem duas abordagens interpretativas da Regência: uma retoma a visão consagrada durante o Segundo Reinado, caracterizando-a como um período anárquico; a outra concentra-se exclusivamente nas revoltas regenciais, buscando analisar aspectos de resistência e opressão no contexto brasileiro.

Frente aos inúmeros desafios presentes, ressalta-se, dentro das limitações enfrentadas pelos educadores no ensino de História, a importância da adoção de diversas metodologias. Nesse contexto, destaca-se a relevância da utilização dos diversos recursos disponíveis ao professor de História durante suas aulas, com ênfase na abordagem variada e alternada das fontes históricas. Nesse contexto, o professor pode empregar diferentes procedimentos metodológicos no ensino de História, indo além do simples uso do livro didático, na educação básica.

A aplicação de metodologias diversas no ensino de História impacta diretamente na formação do aluno. Isso ocorre ao propiciar a compreensão do aluno como sujeito histórico, abordado de maneira crítica e reflexiva. Assim, essa abordagem não apenas contribui para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, mas também fomenta uma participação mais significativa e engajada na esfera social, como aprendem na universidade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O ensino de História, enquanto disciplina fundamental na formação de cidadãos críticos e reflexivos, deve ser abordado de maneira dinâmica e contextualizada. Segundo Rodrigues (2018), a análise das relações entre tempo, espaço e as interações sociais que geraram os eventos históricos é essencial para a compreensão da experiência humana. Os registros deixados pelos indivíduos, como mobiliário e instrumentos de trabalho, não apenas documentam o passado, mas também servem como laboratórios da memória, permitindo que os alunos desenvolvam um saber próprio da história.

A habilidade EF08HI16, conforme abordada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enfatiza a importância de identificar, comparar e analisar eventos históricos. Essa habilidade é crucial para que os estudantes possam questionar e compreender os

acontecimentos em um contexto mais amplo, promovendo uma educação que vai além da simples memorização de fatos. A proposta de libertar-se da dependência exclusiva do livro didático, como sugerido por Orço, Gandolfi e Tuzzi (2014), é um passo importante para enriquecer a experiência educacional.

No contexto das Revoltas Regenciais, é fundamental considerar as metodologias de ensino empregadas tanto na educação básica quanto no ensino superior. A pesquisa de Pinto e Melo destaca que, apesar das diferenças, ambos os níveis compartilham uma trajetória comum e devem se nutrir das mesmas fontes, ajustando suas abordagens de acordo com o público e o contexto específico. Essa integração é vital para uma compreensão mais holística dos eventos históricos e para a formação de uma consciência crítica nos alunos.

Por fim, a adoção de metodologias diversificadas no ensino de História não apenas influencia o processo de aprendizagem, mas também desempenha um papel crucial na formação de cidadãos participativos. A reflexão crítica sobre os eventos históricos, aliada à utilização de diferentes linguagens e fontes, pode despertar o interesse dos alunos pela disciplina. Assim, a pesquisa reforça a necessidade de uma abordagem inovadora e complexa no ensino de História, que considere as especificidades de cada nível educacional e promova uma conexão significativa com o passado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa sobre as metodologias de ensino de História revelou uma clara diferenciação nas abordagens entre o ensino básico e o ensino superior. No ensino básico, as Revoltas Regenciais são frequentemente tratadas de maneira superficial, com foco nas causas e consequências, o que limita a capacidade dos alunos de compreenderem a profundidade do tema. Em contraste, no ensino superior, a análise é mais aprofundada e crítica, permitindo que os estudantes explorem as complexas relações sociais e políticas que moldaram esses eventos históricos.

A formação de professores de História é um campo complexo que envolve uma interseção entre a História e a Educação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece os conhecimentos, competências e habilidades que todos os alunos brasileiros têm o direito de desenvolver ao longo de sua trajetória na Educação Básica. A BNCC enfatiza a importância de utilizar diferentes fontes e tipos de



documentos para facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geram.

Outro resultado significativo da pesquisa é a importância da promoção da habilidade EF08HI16, que envolve a identificação, comparação e análise de eventos históricos. Essa habilidade é fundamental para que os alunos do ensino básico transcendam a mera memorização de fatos e se engajem em uma análise crítica das relações sociais e políticas que cercam a história. O desenvolvimento dessa capacidade analítica é essencial para formar cidadãos informados e participativos, capazes de compreender e questionar a complexidade do mundo contemporâneo.

Além disso, a pesquisa destacou a relevância da diversificação das fontes de ensino como uma estratégia eficaz para enriquecer a experiência educacional. Ao incorporar diferentes tipos de documentos e linguagens, os educadores podem estimular o interesse dos alunos pela disciplina de História, promovendo uma compreensão mais holística dos eventos históricos. Essa abordagem não apenas enriquece o aprendizado, mas também contribui para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Por fim, os resultados enfatizam que a adoção de metodologias diversas no ensino de História desempenha um papel crucial na formação de cidadãos críticos, reflexivos e participativos. Essa diversidade metodológica capacita os alunos a se engajar ativamente nas questões sociais e políticas de sua realidade, preparando-os para uma cidadania ativa e informada. A pesquisa, portanto, reforça a necessidade de uma transformação nas práticas educacionais para promover uma educação mais significativa e contextualizada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise das metodologias contrastantes entre o ensino superior e o básico evidencia um panorama desafiador, apontando para a necessidade premente de superar práticas tradicionais em prol de abordagens mais contextualizadas e envolventes. O papel crucial do professor de História é evidenciado, desafiando-o a não apenas transmitir conhecimento, mas a atuar como facilitador do desenvolvimento crítico dos alunos.

Consciente de que a disciplina de História desempenha um papel educativo e emancipador, o professor deve enfrentar os desafios do sistema educacional, proporcionando aos alunos um conhecimento histórico totalizador. Isso implica superar metodologias tradicionais, adotando práticas que estejam alinhadas com o desenvolvimento contemporâneo da sociedade.

É vital ressaltar que, apesar dos desafios, os resultados do estudo enfatizam a importância da aplicação de metodologias diversas no ensino de História. Na Educação Básica, a utilização de abordagens variadas está intrinsecamente ligada à possibilidade de desenvolver um processo de ensino e aprendizagem qualitativo. Isso permite que o aluno se reconheça como sujeito histórico, capacitando-o a refletir sobre as ações e direcionamentos presentes na sociedade.

Além disso, os resultados indicam que o ensino de História vai além das informações transmitidas durante a aula, proporcionando uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo. Reconhecer a trajetória comum entre os ensinos acadêmico e básico, ajustando as metodologias de acordo com as necessidades do público e do contexto, emerge como uma abordagem integrada e eficaz no ensino de História em diferentes níveis educacionais.

Em suma, a pesquisa reforça a importância de uma abordagem dinâmica e inovadora no ensino de História, destacando que a aplicação de metodologias diversas não apenas influencia o processo de ensino e aprendizagem, mas também desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, reflexivos e participativos.

## REFERÊNCIAS

Rodrigues, Adriana Aparecida. **Metodologias no ensino de História na Educação Básica: embates e desafios**. 2018. 55. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Turazzi, M. GABRIEL, C. T. **Tempo e história**. São Paulo: Moderna, 2000.

Souza, V. R. de. FICK, V. M. S. **Epistemologias e Tecnologias para o Ensino das Humanidades**. Fortaleza: Esteves Tipoprogresso, 2009.



Karnal, L. (org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Ayres, A. T. **Prática pedagógica competente: Ampliando os saberes do professor.** 3ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes 2007.

Reboul, O. **Qu'est-ce qu'apprendre? Pour une philosophie de l'enseignement.** 5 ed. Paris: Presses universitaires de France, 1993.

.